

Sinuosos destinos

Nilce C. Muniz Barretto¹

Resumo: Na literatura brasileira há certas produções que possibilitam descortinar horizontes ontológicos e de mundo ao se tornarem porta-vozes dos valores e dos sentidos da existência de forma real e fictícia, original e imaginária, como é o caso do livro "Torto arado", de Itamar Vieira Júnior. Essa resenha busca conduzir à reflexão daquilo que nos caracteriza como seres humanos, sujeitos a uma gama de sentimentos. A leitura desperta no leitor as mesmas emoções das personagens, notadamente quando identificamos os mesmos problemas descritos na obra e ainda os reconhecemos no nosso cotidiano, tais como discriminação racial, coronelismo e desigualdade social.

Palavras-chave: Vida quilombola; trabalho semiescravo; religiosidade de matriz africana; resistência masculina; resiliência feminina, coronelismo.

"Torto arado"² é uma obra literária memorável, profunda e merecedora dos prêmios Leya 2018, português, e Jabuti 2020, brasileiro. Dividida em três partes e narrada, em cada uma, por diferentes personagens, aborda um *passado presente* no Brasil, especificamente uma etnia quilombola no sertão do sul da Bahia, mas que pode ser identificada em outros rincões desse país³ provocando a quem lê uma mescla de emoções.

O primeiro abalo⁴ a surgir é o da **ansiedade**. Acompanhar a narrativa da Bibiana, irmã da Belonísia, na curiosidade infantil de descobrir o que havia escondido na mala da avó Donana, manipular o tão misterioso e fascinante objeto numa fração de tempo imensurável sem serem descobertas culminando em gestos imprevistos, imprudentes e temerosos por seus resultados desencadeia um palpitar no coração.

Na sequência aparece o **dissabor** do ocorrido junto ao fatídico parecer às meninas,

1 Mestranda em Ciência da Religião – PUC-SP, <https://orcid.org/0000-0002-1009-9927>, nilce1@yahoo.com.br

2 264 páginas. ISBN 978-65-80309-31-3.

3 Tomando necessário trazer à baila discussões identitárias de lugares e não-lugares tão caros à perspectiva de-colonial.

4 Sofrido pelo(a) leitor(a), porém as personagens sofrem da mesma maneira, revelando que o autor se utiliza dessa estratégia ao proporcionar a(o) leitor(a) sensível as mesmas emoções sentidas pelas personagens; recurso literário que oferece uma empatia a(o) leitor(a), em que ele(a) mergulha numa antropologia da personagem – termo criado pelo antropólogo Tim Ingold.

principalmente, à que mais se lesou, sem deixar de atingir aos parentes como um todo. Não obstante os vizinhos se solidarizarem em auxiliar no que lhes era possível diante da fatalidade daquele núcleo familiar no longínquo ambiente rural o **desconforto** perdura.

Em poucas palavras, depara-se com a **estranheza** das irmãs ao constatarem outra realidade: ao se dirigirem para o ambiente urbano (um hospital), distante da localidade onde se desenrola a história, reconhecem seu lugar social: de negras ao redor de tanta gente branca.

Na continuação suscita um **comprazimento** da leitura ao perceber que as irmãs se apoiam, criam cumplicidade ao se ajudarem e encontram recursos para serem compreendidas e aceitas. Uma mais conformista e resignada, outra mais audaciosa e destemida, contudo ambas vigorosas.

Somada aos abalos racistas há uma **indignação** pelo abuso de “homens investidos de poderes”, um evidente sinal do coronelismo brasileiro, na expulsão dos antigos moradores da fazenda Caxangá, antiga moradia da avó Donana. Além do **desprezo** dos Peixoto, coronéis proprietários de Água Negra, onde as irmãs moram. Esses donos da terra que nunca pegaram na enxada, exploraram e desprezaram as quarenta famílias trabalhadoras daquele arado, submetendo-se ao trabalho exaustivo com restrições à liberdade, representam uma elite refratária à mobilidade social e à alteridade: manipulam e algemam o corpo e a mente de seus subordinados⁵.

O **luto** gerado pela partida da matriarca, Donana, ou melhor, as circunstâncias que a levaram à morte deixam profundas marcas na alma, na memória e, claro, na psique humana. Igualmente a **tristeza** pelo “anjo”, natimorto de Crispina, filha de Saturnino vizinhos da família.

A **confiança** aflora por testemunhar a habilidade do Zeca Chapéu Grande, pai das duas meninas e filho da Donana, curador de jarê⁶, pai espiritual de toda a gente da

5 A discriminação racial de modo estrutural e a reformulação do perpetuamento de práticas racistas, causas de atroz desigualdade social são aprofundadas nas pesquisas da historiadora brasileira Lilia Moritz Schwarcz

6 O Jarê é uma prática do cruzeo (SIMAS, Luiz), do encontro, entre cosmopercepções indígenas, banto, nagô e catolicismo popular (com as práticas das benzedeiras); nessa obra resgata-se o culto que é braço da Encantaria (uma forma de manifestação espiritual e religiosa afro-ameríndia, praticada, sobretudo em alguns estados do Norte e Nordeste brasileiro) e do Tambor de Mina do Maranhão (uma religião Afro-brasileira muito praticada também em alguns estados do Norte, cuja característica marcante é o transe).

região, ao tratar da Crispina, gêmea de Crispiana que sofria de “encosto ruim”. Os dramas dessas personagens revelam a gota d’água de uma perturbação acumulada, infortúnio da loucura.

Um detalhe que chama atenção é a tradição dos antigos de nomear os filhos com a mesma letra inicial ou com sonoridades similares, evidenciando os laços construídos quando essas famílias se reconhecem de alguma forma como iguais, numa prática ancestral de se criar vínculo por meio de uma memória herdada, isto é, pela própria articulação social construída nas religiões de matriz africana, em que para marcar socialmente, cria-se uma teia significativa de retorno ao lar: na falta de uma casa para voltar, há uma família, um nome, uma memória ancestral para se voltar.

Esperança vã assoma-se perante o consentimento do Tio Servó em trabalhar numa fazenda sem direito trabalhista, sequer um salário, como se a comida e a moradia fossem de graça, pelo contrário, à custa de suor e força física de toda uma existência, explorados como “carvão usado”. Enredo de opressão, fome, perdas e medos.

A **meiguice** pelo desabrochar de corpos adolescentes - reciprocamente femininos e masculinos - no caso das duas meninas, que se percebem amadurecidas, interessadas e encantadas sexualmente pelo primo Severo, recém-chegado à comunidade, logo se transforma em ciúme, disputa, paixão, dor, raiva e desapontamento entre ambas.

Admiração por Salu, mãe da Bibiana e Belonísia, que assume o papel de parteira e adquire respeito por sua competência em resolver partos difíceis. Todas as três se tornam mulheres fortes, de personalidade firmes que crescem em tomada de consciência comunitária apesar de seus problemas particulares.

O **pudor** e a resignação de Zeca ao vestir as roupas de santa Bárbara, lansã, mediante obrigação e compromisso, por ter sido curado de loucura anos atrás quando “se fez santo na casa de João do Lajedo, em Andaraí”, numa mostra de misoginia, uma ideia de virilidade social que se quebra diante do encanto da religião sinalizando o quanto a cosmopercepção religiosa pode reelaborar conceitos sociais, por isso se torna uma ameaça à colonização. Durante a festa, intrépido, intimida o prefeito a construir uma escola para alfabetizar as crianças para que desse modo encerrasse o ciclo de analfabetismo perdurado há anos por lá. Ao intimidar, o prefeito vale-se da estratégia de sobrevivência e

de garantir o pouco de direito social e de humanidade daquele povo⁷. Acresce o orgulho e o **contentamento** por comemorar tal conquista em benefício dos filhos dos trabalhadores.

Em consequência das secas e estiagens, aquela gente defronta-se com o **receio** de ser mandada embora por falta de trabalho, porém maior é o temor por não ter o que comer. A **desolação** em face dos que enfraquecem e adoecem sem contar com nenhum auxílio por parte dos empregadores, indicador de um coronelismo⁸ ainda presente na sociedade brasileira e tão caro às teorias decoloniais que defendem o espaço das vozes subalternizadas. A **revolta** por causa do capataz Sutério que espolia os parques mantimentos humilhando a família protagonista devido a uma regra abusiva de doar a terça parte do que era produzido no quintal sendo que nessa ocasião os tubérculos haviam sido comprados na feira da cidade. Diversamente, na época de chuva e aguaceiro, o **desalento** por se perder toda a roça plantada.

Após anos o reencontro entre os primos Bibiana e Severo reacende a predileção pela companhia um do outro, o **encanto** natural e mútuo, a afinidade a ascender no arrebatamento dos corpos que concebem uma nova vida. Combinação de **apreensão** e destemor com a notícia da gravidez ocasionando planos e sonhos vindouros. O **entristecimento** por abandonar a família e a **firmeza** de vencer a sina presumível naquele sistema de exploração, por meio de uma fuga a que o casal se aventura imaginando mudar aquela rotina imutável de dificuldades e penúrias.

Comoção quando se descobre anos mais tarde o real motivo da injusta surra que Belonísia havia levado da mãe por inveja da irmã; o **brío** do pai a consolar a esposa e os parentes em virtude da fuga do casal de primos; **comiseração** por todos os trabalhadores na inauguração da escola, construída pelos próprios, sequer valorizados pelos proprietários que nunca colocaram os pés lá na fazenda. **Desgosto** por nenhuma palavra de agradecimento da parte da família Peixoto aos moradores de Água Negra, retrato de valores depreciativos

7 A problemática marcada por confrontos, violências e discursos negados consta das análises e publicações da antropóloga Lília Schwarcz.

8 O coronelismo numa relação de mandonismo, concentração de renda e poder político vigente em algumas regiões brasileiras é abordado na obra "Sobre o Autoritarismo brasileiro" (SCHWARCZ, Lília).

desde os tempos coloniais⁹.

Chateação perante o que era transmitido às crianças na escola, um conteúdo sem nexos com a realidade que viviam e sem reconhecimento de suas origens, culturas e histórias.

Expectativa pelo teor da carta escrita por Bibiana à família e, igualmente, da resposta de Belonísia ao convite de Tobias para morar com ele; o **estarecimento** com a descrição do casebre dele como se fosse um chiqueiro; a **revolta** pela rudeza, grosseria e brutalidade com que ele a tratava, bem como da violência do marido de Maria Cabocla, a vizinha, que a agredia fisicamente sem se importar com a presença dos filhos pequenos. A **coragem** da filha de Salu e Zeca Chapéu Grande, Belonísia, ao enfrentar Aparecido, esposo de Maria Cabocla.

Alívio em face do falecimento de Tobias seguido de **pena** pelo fado de Bibiana na solidão em que havia se encerrado; mesma sensação de **dó** em consideração aos filhos de Maria Cabocla, medrosos “pela rotina de violência que tinham na própria casa”.

Mudez de sentimentos pela reflexão sobre o significado do título da obra, *Torto Arado*. Denso, contundente e ao mesmo tempo pungente da carga da dimensão humana.

O **anseio** pelas novidades contadas pela visita de Bibiana, Severo e o filho Inácio à família; o **interesse** pelas mudanças ocorridas com a chegada da televisão, os benefícios trabalhistas, mesmo que tardiamente, não concedidos aos pioneiros que por aquelas bandas se instalaram à fazenda. Nuances tensas e paradoxais de um abismo entre a modernidade¹⁰, o progresso de um lado e o subdesenvolvimento, o atraso, de outro lado.

O **pesar** com o falecimento de José Alcino da Silva, vulgo Zeca Chapéu Grande, “nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres, mas ainda cativo dos seus descendentes dos senhores de seus avós”¹¹. **Aborrecimento** e desgraça pelo

9 Todas essas vicissitudes expõem o fato de que nessas relações, que são construídas nesse bojo de compreensão do racismo e do coronelismo, identifica-se a ideia do “cruzo” (SIMAS, Lima), em que se estabelece uma dinâmica familiar que extrapola o contexto hegemônico de compreensão da família, como se a cosmopercepção de matriz africana, praticada em terreiros, no caso, o *jarê*, cruzasse com a dinâmica social desses moradores da fazenda.

10 Aqui entendida a modernidade como a que se constitui do processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da civilização em marcha constante, seja no aspecto tecnológico, científico ou social.

11 Capítulo. 16, p. 164.

assassinato político, mesquinho e cruel do sindicalista Severo por conscientizar os moradores pelos seus direitos legais, num mundo de injustiças somados à **aversão** pela mentira desmoralizante contida no inquérito.

Consternação pelos sofrimentos que os quilombolas passaram¹²: calúnias de suas irmandades, ofensas de seus cheiros, preconceitos de suas cantigas, marginalizações de suas cores, discriminações de suas crenças sendo alvos históricos para enfraquecê-los, quebrantar e domar. Tribulações que esse grupo ainda passa em um contexto de exclusão social com sofrimentos e violências históricas que se cruzam, e muito, com o racismo religioso. Opressões, ataques e mortes que ainda repercutem no cotidiano com discurso de ódio, numa onda conservadora de negação, indiferença e desdém, estrutura do racismo brasileiro.

Zanga pela versão desonesta, ardilosa e ludibriosa contada aos trabalhadores descendentes de uma escravidão revogada no papel¹³ e parcamente no cotidiano que, os mantinham na relação de trabalho abusiva, exploratória e arbitrária, com a diferença que não havia mais chicote para castigar. Numerosos permaneceram quietos e submissos para garantir a sobrevivência num pedaço de terra concedido para servir, labutar, obedecer.

A **valentia** por Bibiana enfrentar a intimidação de Salomão, o novo proprietário da fazenda, e abraçar a luta pela emancipação e pelo direito à terra. A **alegria** por Salu expressar a trajetória de todos que nasceram naquelas paragens ou chegaram antes da Estela, a esposa de Salomão, pelas tormentas que haviam suportado há décadas e pelos constrangimentos que estavam passando para deixar o local.

A **surpresa** pela descrição da prática do Encantado¹⁴, a entidade de incorporação como a que ocorria em Zeca Chapéu Grande, liderança mítica, conselheiro e pacificador de impasses surgidos entre as dezenas de famílias das proximidades que o procuravam em busca de uma benção.

Perplexidade pelos desfechos no tocante ao casal Salomão e Estela e, por fim, um

12 Ainda passam em um contexto social num processo de exclusão social dos quilombolas que sofrem uma violência histórica que se cruza, e muito, com o racismo religioso.

13 Apesar de anulada em documento/impressa/em tese/ em teoria, o é parcamente no cotidiano.

14 "Encantados" são entidades muito particulares de uma vertente religiosa, isto é, são entidades de religiões que nasceram do cruzo, da encruzilhada, entre as cosmopercepções indígena, africana e o catolicismo popular. Muito comuns da Jurema, no Jarê e no Tambor de Mina.

vazio emocional pelos destinos dos personagens narrados, sobreviventes de uma exclusiva serventia de lidar com a terra que não lhes pertence. Emblemas do que muito se desenrola em diversas regiões nesse país tão desigual. Um contexto de resiliência e fibra que eclode do solo, memórias de ancestralidade, labor, hostilidade e, principalmente, união.

Em parte, celebra-se a força das protagonistas femininas que dão voz aos silenciados e às vozes rurais dos que acatavam a servidão num passado escravagista que perdura dissimuladamente até os tempos atuais em graves conflitos fundiários. Urge desfazer o fosso infame que separa e agride os desfavorecidos do ponto de vista socioeconômicos, afinal o Brasil se desarticula na contramão do desenvolvimento dos povos indígenas, africanos e imigrantes.

Um livro marcante, crucial e altamente recomendável porquanto, fomentou inúmeras emoções, além das cinquenta destacadas em negrito. Um livro que, se relido, oferece mais abalos interpretativos a ponto de desestruturar padrões mentais e comportamentos automatizados sedimentados em uma construção 'oficial', majoritária e propositalmente alienante em referência à história do povo africano, e de comunidades quilombolas. Vidas pretas importam.

Referência

VIEIRA Junior, Itamar. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019.

Submetido em: 2 dez. 2020.

Aprovado em: 27 mai. 2021.